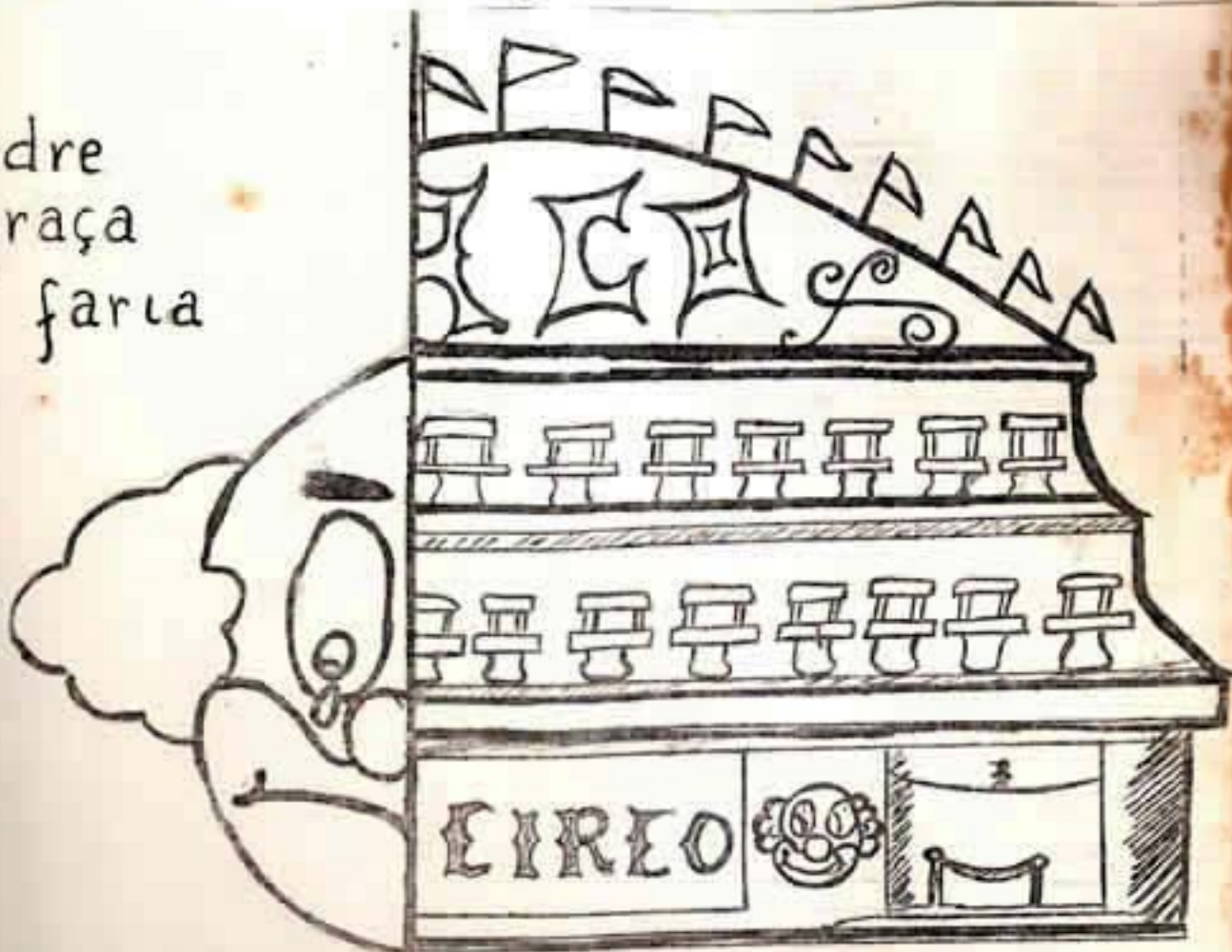


LÁGRIMA PALHAÇA

alexandre
graça
farua



Alexandre

HOJE NÃO TEM
ESPECTACULO

"
-Hoje tem mamelada?
-Hoje tem Goiabada!
-E o paltaco
O que e'?"

~~LIGEIRA PALHAÇA~~

O palhaço
É o avesso da mentira,
É a pintura que se retira
E desvenda outra mentira,
É o verso
De uma tira de seda
Que cega o segundo gume,
É a tintura que enruga
E descasca sobre a tinta
Enrugada e Activa:
Maquilagem de verdades

~~O palhaço~~ *O palhaço*
~~Nunca mais viu~~
~~Nunca mais o queijo, o beijo de mulher,~~
~~E todos os seus filhos~~ *filhos*

Têm só ^{UMA} faca como talher:
~~Se~~ *Se* são palhaços,
Marionetes dos risos,
Vedetes do circo,
Objetos de ~~uma~~ *uma* alegria
Que o próprio show proporciona,
Gargalhada que ^{as vezes} ~~sempre~~ funciona
Na única vida como vida.

D palhaço,
É a lágrima proibida,
O tempero ardido
Da sua ^{própria} ~~própria~~ comida,
~~o~~ verso ...

Desgastado, corroído,
Medo e ira disfarçados,
Riso e festa plagiados,
Único verso já escrito.

~~Vide verso...~~
~~Vide verso.~~

~~X~~ QUATRO ELEMENTOS

de vida *DM* X
Berço ~~de vida,~~
Onde ~~as~~ ~~estacas~~ ~~se~~ ~~plantam~~;
~~onde~~ ~~em~~ ~~passos~~ ~~suplantam~~
O obstáculo daninho
MMS ~~é~~ ~~o~~ ~~suor~~ ~~na~~ ~~bochecha~~
Como flores no caminho.
Berço ~~das~~ ~~flores~~,
Onde o espetáculo se ergue,
~~onde~~ ~~o~~ ~~tempo~~ ~~se~~ ~~persegue~~
Em circenses ~~movimentos~~ *movimentos*
~~é~~ ~~espalha~~ ~~em~~ ~~espinhos~~
~~por~~ ~~sob~~ ~~pés~~ ~~desatentos~~.
Berço ~~do~~ ~~tempo~~, *do destino*
Onde a lágrima se enterra,
~~onde~~ ~~o~~ ~~riso~~ ~~se~~ ~~desterra~~ *na*
~~Para~~ ~~outro~~ ~~acampamento~~
~~E~~ ~~o~~ ~~circo~~ ~~continua~~
~~Flertando~~ ~~seu~~ ~~momento~~.

1975

Peso tenso ao silêncio,
Expectativa da queda,
Medo do incêndio,
Futuro escurecido,
Passado esquecido
~~Em um~~ segundo
De inspiração;
Sopro frágil, interior,
~~Qual respiração sob a der.~~
Movimento luminoso,
Vôo-vendaval
Sobre o obstáculo em chamas,
Revivido o presente
Ao tempo transparente
De uma voz
Em expiração;
Grito de ~~medo~~ superado,
Como ~~medo~~ desabafado.

X

três

X

~~Eterna chuva de amor,~~
~~Que acende~~^{te} luz no circo:

Tocha do engolidor,

Arco do saltador,

Faca do atirador.

~~Efêmera gota de calor~~

~~Neblinizada~~ lona do circo:

Lágrima do espectador,

~~Alcunha~~ do apresentador,

Palência do patrocinador.

~~Efêmera dor,~~

~~Toda~~ alegria de palhaço,

~~eterno calor.~~

Levando a ~~Companhia~~
Do Grande Circo Universal
Lá vai o trem,
Lá somos trem ...

Atrás,

Duas paralelas se afastam.
E o sol brilha
No infinito encontro
Das retas objetivas emparelhadas
À frente.

O trem não sai da linha
Deslizando, perseguindo ~~a velocidade~~
Ignorando, destrindo o ~~caminho~~ ^U Vo tempo;
Perfurando, penetrando ~~o~~ próprio ~~trilho.~~
Sibilando, ~~gemendo,~~ vento;

O trem
Geme, Grita, ~~agita, se agita~~
~~Ventiginosamente se agita~~
Aparente sedento se denbarrante ~~incidente de elasticidade~~
Preenche os espaços,

Do seu percurso
- Composição o discurso
- Buscando o sol infinito
- Seu Infinito encontro

De quem busca o sol)
~~Levando a companhia~~
~~Do Grande Circo Universal.~~
Cujos pontos finais
E' lua.

~~- Lá vai o trem
Em frente ardente a gente cai
- Lá vamos trem
Em contra confronto afronta trai
- Lá vai o trem
Nem sente a mente tonta cai
- Lá vamos trem
Em gente ardente tanta sai
- Lá vai o trem
Em mente sente afronta cai
- Lá vamos trem
Nem contra confronto a frente vai
- Lá vai o trem
Buscando no infinito
Encontro das paralelas
o sol.
Levando a Companhia
Do Grande Circo Universal.
E ao alcançar o brilho
Era lua.~~

~~UMA NOITE~~

~~Em silêncio, Silêncio,~~

A noite ilumina as casas,

Tendas, barracos, quartos

~~Feitos de vida e casas, afados~~

~~Feitos de amor e arte,~~

Os Pequenos camarins

Dormem

E esperam ansiosa de trabalho,
Alguma coisa boa que não vem
Sonham

O castelo maior da revelação

E revelam

O ostracismo ~~de~~ ^{das próprias} ~~esperanças~~ ^{esperanças}

~~Senhor,~~

Os ~~deuses~~ Não passam de tendas

Ao redor da tenda maior:

~~(sol, suor e sal).~~

O Grande Circo Universal.

A noite ilumina os sonhos,
~~Porque neles a luz não chegou,~~
São Sombras em focos estranhos
De olhares, palmas e diversões.
A penumbra da madrugada
Flutua
Consolando o peso de cada sono,
Finge
Parar o tempo de cada dia
E revela
Outro dia amanhecendo,
Acordando
O tempo parado à espera
Da luz que nunca rompe
As paredes de cada tenda,
Onde o sonho se desvenda
Em silêncio.

A noite ilumina o circo,
As casas dormem,
~~Os sonhos aseriam~~
E as vidas voam
Em silêncio.

~~Na jaula~~ um felino ruga.

URRO DE QUEM APRENDE

Por trás das grades,
O tigre brame, urra ...
Ainda não é domesticado,
Precisa de alguma surra,
Talvez deva passar fome
Para aprender a sorrir
~~Como~~ ^{Como} qualquer homem,
Deve saber mentir
E agradecer a penitência,
Se curvar à assistência
E jamais tratar mal
A platéia do Circo Universal.

~~O tigre,~~
~~Na cela solitária,~~
Afastado dos outros felinos,
Desconhece seus atributos
De um tigre bom menino,
~~Tem~~ ^{Tem} fome e ~~ressaca angustiada,~~
~~É um~~ ^{É um} medo ~~de~~ assassino,
Mas está sendo domesticado
Com chicotes do bom comportamento,
Vai ter até sentimento
E chorar condolente
A liberdade obediente.

~~Ele só vai se ver livre
Da comida fraca e do chicote forte,
Quando aprender a se queimar,
Em troca de carne e sorte,
No sol da roda de chama,
Que esquenta o sangue e seca a boca.
Mas o tigre ganhará fama
Se não se sobrepuser;
Comer carne queimada
E lamber sangue aguado,
Fogo-dor e água-rancoso
Do chicote domador.~~

TITEREIROS

O domador ergue o chicote:
Zapt! O chão estremece,
Os bichos estancam o trote,
As bocas fecham os dentes
E as orelhas se abaixam
Para ouvir o burro que fala.
Zapt! A chibata de novo estala,
Corta o ar - bala de revólver -
Eleva o ar como que revolve
linhas suspensas no ar,
Ao querer da mão que comanda.
E a mão-comandante quer segurança
Corta animais-animais,
É mão cheia de dedos
De valores, cheia de sedos,
Quer animais-marionetes.

Zapt! ~~Esta vez involuntário estalo.~~

O donador ergue os olhos:

~~As cordas esticadas pelo ar,~~

~~Cartões, pêndulos, grades-estrelas;~~

~~deixar, ali no ar, voo solto~~

~~Do grande Campo da Invenção.~~

~~Perde a noção, a noção~~

~~vários porquês que lançam a conta~~

Não sabe se doa ou é doado,

~~Quer comunicar, olhar ao frente~~

~~O animal que seu chicote reflete~~

~~É prova de saldo olho que chora erguido~~

É resolve deixo o chicote de lado,

Mas seu braço é levantado, decidido,

Como num passe de mágica

~~Zapt!~~

FANTASIAS PERMITIDAS

Ao passe de mágica,
Olhares crianças
Deslumbram, desatinam:
Luzes, cores fascinantes
Bordam o ar,
Flores de êxtase e circo
E disfarçam o movimento
Do mago, Lona
Atalham seu golpe
 Crianças nas frestas
Omitindo a picaresca,
 Põem brilhos nos olhos
Ou desviando a estrada
Dos olhares, **Antes que mais tarde**
Que, por pares, **Passem ao largo da vida**
São fantasias permitidas
No brilho de vidas
Crianças.

Ao passo do mágico,
Olhares adultos
Trocam de tática:
Tornam-se atentos,
Geometricamente detalhistas,
Experientes com as ilusionistas
ARACADABRAS.
Porém, mágico do Circo Universal
Sabe-se indispensável participação
Para tornar ameno
O impacto da própria revelação
Aos olhares crescidos,
Reflexivamente iludidos,
Que acabam voltando à infância:
Luzes e cores deslumbrantes
Dos olhares crianças.

8

BOLSOS DE LONA

No Grande Circo Universal,
Crianças não ficam de fora
Barradas à margem da lona.
Quanto custa o ingresso?
Não interessa
À lona dos bolsos pueris,
Pois alegria não lê tabelas.
O momento infantil não conta,
Em espera de juro compostos,
Com a vez de outra sessão,
Como quem sabe do futuro imprevisível,
Não prevê reapresentação.
Crianças dependem do circo
Presente-presente,
Independentes de lona,
Sexo, ~~ser~~^{CAÇA} e credo.
Quanto custa o ingresso ??
Exclusividade dos pais,
As crianças
(párias, prodígios,
patricidas, pródigos)
Já entraram.
E pais ainda explicam
A moeda que gastam
Em crianças que foram.
O ingresso é gratuito
E, mesmo sem música,
Toda criança
Entra na dança.

CORDA BAMBÁ

A dança do equilibrista
Pretende distrair,
Esquecer que vai cair
E perder o ponto de vista,
Que passo a passo se conquista,
Dos extremos que se unem.

O braço aberto alcança
Um lado claro e outro escuro,
Equilibrista sobre o muro
É fiel de balança,
Olhar sintético que se lança
Em olho por olho, lado por lado.

O equilibrista se assenta
Não por cansaço em prosseguir,
Mas por medo de destruir
A corda bamba que arrebenta,
Ao peso ^{de} ~~que~~ se lhe adentra
A cada passo conquistado.

Nos olhos, a venda
Esquece ensaios de queda,
Vidas que memória veda
(o circo, os lados, a tenda),
Faz com que o passo se estenda
Na tensão de corda e pé.

O equilíbrio é pretensão
Para todo o circo aplaudir,
É fronteira que sabe medir
Em cada lado a extensão
E em cada corda coração,
Que na queda sangra fiel.

of

AMOR DE ATIRADOR

O sangue rufa forte,
Tambores pulsam amor:
A mulher do atirador
Entrega-se à sorte!
A tábua da morte
Grita de dor
A cada faca entranhada,
Delineando o perfil
De venus, de taça,
O falso alvo de graça
Que a mão mira sutil.

A mulher do atirador
Jamais se esqueceu
Do sangue que escorreu
No primeiro ensaio de amor,
Da lâmina que a penetrou
E da lágrima que ignorou
O marido de chorar,
Movido pelo ideal ...
Seu corte guiou o alvo
E sua dor virou aplauso
No Grande Circo Universal.

O atirador venceu!
Submeteu a amada
Com tanta facada,
Que ela enrijeceu
Qual tábua matrimonial.
O xou era especial:
Ele expunha sua potência,
Delineando o coração
Da vênus, da taça,
O falso corpo da graça
Que sua mão procura em vão.

LIDA DE IRMÃS

Mãos,
Irmãs artistas,
Moldam no ar
Garrafas, facas, pratos
Que desmontam ao vento
Em cacos
E voltam às mãos.

Mãos,
Mães que recolhem intactos
No vácuo do ventre (palma)
Garrafas, facas, pratos,
Alimentos para a alma
E coração
Dos irmãos malabaristas.

Irmãos,
Sobreviventes do vento,
Movimentam o ar,
Lançam à vida
A carne, e nome, a fome;
Dura lida
De libertar as mãos.

Irmãos,
Reflexos de mãos,
Cacos da mesma louça,
Acolhem mãos dadas
A carne, o nome, a fama,
As palmas
Que ignoram suas mãos.

CORPO DE DANÇA

Palmas mudas
Que compassam os passos
Das bailarinas
Do Grande Circo Universal,
Palmas cegas
Que encurtam o baile
De pernas
Das meninas de luz-musical,
Palmas surdas
Que modulam o som
Do corpo
De dança: criança instrumental,
Palmas insípidas
Que desfazem o sabor
Do tom
Do suor em voz glacial,
Palmas inodoras
Que apagam a cor
Dos sonoros
Aromas de tinta facial,
Palmas sem tato
Que tateiam a beleza
Da dança
No corpo da bailarina principal.

São palmas sem sentidos
Que aplaudem
O som de seus reflexos,
O cheiro de seus gostos,
Quando tocam o sétimo sentido,
O achado e o perdido,
A sinestesia apática
Das bailarinas na roda
Do Grande Circo Universal..

FLOR DA PELE

Nas rodas do Globo,
A morte acompanha
As rotas motociclistas:
Carne e metal, em campanha
De vida na veloz cidade,
Sustentam malabaristas
A flor de pele ereta,
Mantêm a armadura intacta
Na eterna roda reta
Do Globo da morte.

Quando se abrem os nervos,
O escudo em fendas,
E a flor é exposta em ferida,
As vidas se resguardam nas tendas
E planejam rotas novas rotas,
Onde, à flor da pele retidos,
Escapam fumaça e vento:
É o barulho de glória dividido,
Ou o equilíbrio de morte desatento
Nos éteres do Globo.

REDE TRAMADA

Rasgar o éter,
Voar,
Sobre-saltar o mortal:
Atribuições inevitáveis
Dos astros do trapézio.
Quem os vê inigualáveis
Em penas que se tocam
E trocam de mão,
Quase se esquece
De olhar com atenção
A trama da rede armada,
Que plumifica
O voo de avi penosa
E ratifica
O rasgo de segurança eterno.

Subir aos céus
Sem cair,
Experimentar a vida:
Ambições enlouquecidas
Das crianças da assistência.
As tentativas desmedidas
Sob um peso incontrolado
São queda certa,
Realização plena do salto mortal
Numa rede mal aberta;
A experiência é Um céu inalcançado,
Fois carece
Do eter-no picadeiro iluminado,
Que escurece
Como trama de rede esquecida.

TARDIA APRESENTAÇÃO

Esquecido,
Posto de lado o apresentador,
Erguido em pernas de pau,
É aturado com falso calor,
Sua voz está condicionada
A conduzir olhares incautos,
Seus passos programados
Impedem-no de tentar saltos.

O apresentador
Do Grande Circo Universal
Possui um conhecimento aparente,
Científico saber espectral,
Que assusta toda a assistência.
Mas é o silêncio do intervalo
Que revela a frustração do apresentador:
Ser alto e bom falante
Sem ser mestre, mero apresentador,
Aturado com falso calor.

Sabe o apresentador
Que nunca terá palmas
Na palma da mão,
Esquecido, o apresentador
Dispensa apresentação.

CARPIDEIRAS

Diante da platéia, vibrando amores,
Expõem palminhas as focas;
Embora fora do picadeiro, nos bastidores,
Se refaçam em latentes fofocas:
A quem a sardinha mais gostosa
Oferecerá a treinadora generosa?

Na platéia, o arguto assistente,
Conhecedor do sal, sol, do Circo Universal,
Desfaz o mito aparente
Das palminhas, do ecooso aplauso colossal:
- São focas carpideiras,
Que batem as nadadeiras !

Mas se o arguto assistente soubesse
Dos olhos das focas que ecoam palminhas,
Das lágrimas, fofocas nas cochias, do interesse
Na labuta de quem come mais sardinhas,
Entenderia e aplaudiria aplauso infeliz
Os dois hemisférios coloridos, equilibrados no nariz:
Uma esfera sincera.

PESOS E MEDIDAS

Na gangorra é sincero
O amparo do aparador;
E, confiante, a menina,
Em impulso por sobre o pudor,
Revela uma emoção a mais:
Viver as vidas mortais
Na sina de saltos garantida.
~~Que domina o bego amor,~~
Entregando o peso e a medida
À retina do aparador,
Garra da vida segura.
A gangorra é, então, projeto
De uma elevação futura.

Mas impulso de menina,
Que confia na sinceridade,
É gana de galgadas
Para avançar a certa idade
(atitude ~~de~~ menina e real
no Grande Circo Universal).
O peso é desmedido
Aos ombros do aparador
E menina é salto iludido,
~~E aparador, falso amor,~~
Queda que não desvencilha.
A gangorra, então, se fecha
E a garra vira armadilha.

ESPARRELA SIMIESCA

Caído na armadilha,
O macaco nunca se pensaria
Um dia astro universal,
Personalidade circense
De caráter individual.

O macaco do circo
Nunca envelhecerá,
Terá sempre a mão
Presa na cumbuca
A gerar de riso explosão.

Suas macaquices
Levantam o peso das cabeças
Indefesas da arquibancada,
Que se protegem da esparrela
No símio equilíbrio

~~(porocheada, arin, lescunha, v. b. de entada)~~

De macaco de imitação.

~~X~~ ~~X~~ ~~X~~ ~~X~~
Porém, a estaca é achatada

Por um simples maltrato,
E o riso ouve o eco
Como quem vê o próprio retrato.

X

GRADES DA MEMÓRIA

No retrato, aprisionado,
O menino acaricia o leão,
E o homem cicia o passado
Aprisionado em comoção,
Qual leão amordaçado.

Nas grades da memória,
Do menino em desespero
O homem ouve as histórias
De circo, menino matreiro
Que sonhava suas glórias.

Já na jaula abocanhado,
O leão fica perdido
E o homem vê predado
Seu ideal desmordido
Sob um dorso chicoteado.

TROTE EQUESIRE

O cavalo, ~~o~~ dorso saturado,
Trote eqüestre irracional,
Sustenta ao galope alado
O peso do Circo Universal.
O suor lhe escorre do cansaço,
~~O~~ Odor de tração animal,
Faz jus ao torrão de melação,
A um bom-trato especial,
Que o treinador bem adestrado
Sabe fazer-se essencial
Para o ~~torço~~ ^{lombo} velho e cansado.

O que não sabe o treinador,
Teoria na prática esquecida,
É o teor renitente do suor,
O sal que ao banho invalida.
E, desconhecido o carrasco
E o trote em tal terreno sem vida,
Um bailado de endurecer o casco,
Ensina ao cavalo sua lida:
Carregar, resistindo à dor,
Pela eterna rampa em subida,
Seu dorso, simples carregador.

COLISÃO HUMANA

Pesado fardo, em subir,
O homem bala e sua bala
À pressão das boquiabertas
Bocas de canhão incertas
Da mira em perfeição
Na atmosfera que ampara
A bala. ~~o homem e a corajão~~
medo, mediação.

Difícil bala, não mentir
O oculto barulho do embrulho
Que se não é erro, ferida,
Qual o corte de faca invertida:
Mira cega em desnorte,
Onde a bala humana é entulho
De cabeça, tronco e morte.

Dura dor, se iludir
De que cada tiro humano,
Fuga da bala, do doce,
Não é homem bala indócil
Por visar, sozinho, à ala
E sentir o choque ufano
De subir, subir e acertá-la.

ENERGIA ELEFANTÓPODE

Ao choque sob as patas,
O elefante equilibrista
? ~~exerce sua apeteculosa~~ ?
Para platéia maneirista,
Alheia à enérgica participação
De correntes metassanguíneas.

Recurso moderno e ideal
Ao adestrador-eletricista
Do Grande Circo Universal.

Encanto racionalista,
Que domina com energia
~~o desenhante a Torre~~
do peso que o arruinaria.

ENCANTO E DOMÍNIO

O encantador de serpentes,
Ao som da flauta mágica,
Questiona o brilho que sente
De seus olhos na presa da naja.
Pergunta se o encanto fusionado
Dele se amana
Ou pela cobra é enviado;
Indaga se o veneno que enraíza
Cria-lhe escama,
Ou só a ela humaniza.

A naja, encantada
Na voz do mito serpentino,
Percebe que o bote é a cilada
Para roubar-lhe o predestino.
Então, se amansa em humildade,
Oculta a própria maça
E oferece a outra face da maldade:
Uma dança enroscada e amante,
Qual irmão e irmã
No encanto ambidominante.

DESESPELHO

~~Nas próprias~~ Vértèbras enroscadas,
O contorcionista força sobre-humanamente
Um ~~desencanto~~ ^{de-Plêxus} imparcial.
Incapaz de despertar o inclemente
Grande Circo Universal
Salgado pelos espetaculares dia-a-dias,
Insolado de poeira, chuva e alegrias,
E no curtume de lonas
Vaias respondem às ~~desagradáveis~~ ^{as impotentes} contorções.

Sob a fantasia animalesca escondido,
Esforça-se o contorcionista contra a dor
Que distorce sua face velha,
~~oculta~~ ^{oculta} não gerar ~~consciência~~ ^{dó}, falso amor

Pelo aço que o circo desespelha:
Cossos enrugados no excesso de redobras,
Dores da impotência de recriar as próprias obras,
E o contorcionista se despe, [PARA]
~~Em~~ ^{Em} silêncio ~~na~~ ^{na} ~~plataforma~~ ^{plataforma} que lhe vira as costas.
E vai.

~~PANIS DE CIRCENSIS~~

Levando a Companhia
Do Grande Circo Universal,
Lá vai ~~indo~~ o trem,
Lá vamos ~~indo~~ trem ...

Atrás,

Duas paralelas se afastem
E o pão brilha
No infinito encontro
Das retas objetivas emparelhadas
À frente.

Mas o velho,
Lembrando a criança que amava o circo,
E que morreria se não fosse palhaço,
E seus olhos espelhavam qual aço;
O velho,
Que se entregou à lira circense,
Como quem dá amor para amar,
Dá pão para comer, é circo para circular;

O velho,
~~Por entre sepaços vacuosos do picadeiro sem lona,~~
~~E como quem vai indo, se vende ficar;~~
~~O velho Fica,~~ ~~Vista o capote~~
~~apalhado.~~ Palhaço

} ←

1 EPITÁFIO

Concretizado, ~~agora~~, o sonho
~~Apresenta~~ ^Emera formalidade:
~~Não se~~ ^é criança, adulto ou velho;
Simplesmente ^{um} palhaço,
Completamente palhaço.
~~Palhaço que ri~~ ^{de} ~~diante~~ ^{de} ~~si,~~
~~Diante~~ ^{do} ~~do~~ riso, ~~diante~~ da dor,
~~Diante~~ ^{do} ~~da~~ morte, ^{do} fin.

MAS ESTA INSCRIÇÃO
~~É~~ ~~pro~~ ~~palhaço~~ ~~que~~
~~o~~ ~~palhaço~~ ~~nao~~ ~~ri~~
~~É~~ ~~espetáculo~~ ~~PARA~~ ~~WAM~~ ~~NASCE~~
~~DO~~ ~~PRÓPRIO~~ ~~trabalho~~
~~de~~ ~~recolher~~ ~~a~~ ~~terra,~~
~~semeiar~~ ~~ao~~ ~~vento~~
~~É~~ ~~ENRUJAR~~
~~sol~~ ~~a~~ ~~sol,~~
mas, para completar o espetáculo
de Universal, solidão
palhaço ~~é~~ ~~com~~ ~~suas~~ ~~lágrimas~~
~~seu~~ ~~plântio.~~
Para FLENDAR

de
Universal, solidão
palhaço ~~é~~ ~~com~~ ~~suas~~ ~~lágrimas~~
~~seu~~ ~~plântio.~~
Para FLENDAR

Conceitudo, o sonho
É mera formalidade:
Simplesmente um palhaço
Completamente palhaço
Que ri do riso
Do dor
Do fim.

Mas esta ironia
É pro palhaço que não ri,
É epítáfio pro quem nasce
Do próprio trabalho
De revolver a terra,
Semear o vento
E enrujar sol a sol.
Para completar o espetáculo
De universal solidão
Ao palhaço ainda resta
Lembrar
Para fecundar seu plantio.